

A LUA VERMELHA

Alberto Arecchi

Os árabes dizem “*al qamar al ahmar*”: a lua vermelha.

Quando o vento levanta a areia do deserto, até obscurecer a atmosfera, a luz da lua cheia pode tornar-se vermelha como sangue. Então é impressionante a visão do globo brilhante, enorme, a subir do horizonte. Um fenómeno que nós, homens modernos cépticos, tentamos explicar racionalmente, mas que sempre foi percebido pelos marinheiros como um prenúncio de desgraça. Eles dizem que, com a lua vermelha, coisas estranhas acontecem, e podem-se até criar pontes de comunicação com outros mundos. Nessas noites, navios carregados com os homens, embora equipados com instrumentos sofisticados, perdem a rota, enquanto navios antigos, com tripulações de fantasmas, voltam para trás através das névoas do tempo.

Uma noite de lua vermelha, eu estava em um navio, no Canal da Sicília, a sudeste da ilha de Malta. Era um pequeno barco de pesca, que viajava principalmente com velas. Tinha apenas um motor velho que não permitia uma grande autonomia, mas só servia nas manobras de atracação ou de saída dos portos.

O mar estava calmo, coberto por uma névoa irreal. O vento de areia vindo da África enchia o ar e os pulmões de um pó impalpável, avermelhado, com cheiro de amônia. A lua cheia tinha a forma de um enorme globo vermelho, ligeiramente achatado. Os marinheiros viram claramente a sombra de uma grande asa negra, como a de

um dragão, passando a obscurecer a lua. Foi tudo... Quase. As bússolas do navio enlouqueceram e o navio estava perdido em uma névoa intemporal.

Qual foi a surpresa, ao nascer do sol, percebendo que estávamos na boca de uma baía, dominada na direita por uma fortaleza majestosa; na esquerda, como uma visão do conto de fadas, aparecia uma cidade, espalhada sobre uma série de círculos concêntricos, culminando em um grande edifício, com cúpula de esmeralda. Suas paredes brilhavam sob os raios do sol nascente, como sendo cobertas de metal, com raios de prata, ouro e fogo. Vimos navios fundeados no porto, mas nenhum vestígio da atividade humana. Era como se todos os habitantes estivessem dormindo, ou se tivessem movido para outro lugar. Nem uma voz, nem um ruído, nem uma nuvem de fumaça se levantavam dos telhados da cidade fantasma. Instintivamente, alguns dos marinheiros fizeram o sinal da cruz, murmurando entre os dentes cerrados. Em resposta, um bronze começou a tilintar, em algum lugar, ritmicamente, como um sino de morte.

O navio não podia entrar no porto: o timoneiro regulamentava o leme, os homens equipavam as velas, mas era como se uma força invisível rejeitasse o barco, cada vez que procurava entrar. Parecia que uma vontade sobrenatural nos detivesse. Ainda os marinheiros tentaram arrancar o motor, embora fosse fraco e pudesse ser de pouca ajuda. Nada: o navio nem sequer se despachou. Os equipamentos de bordo estavam mortos: rádio, telefones, outros instrumentos de navegação.

Todo o dia durou a tentativa. O sol nasceu, subiu alto no céu e teve tempo para cair, entre a névoa vermelha do siroco. Distinguiam-se os telhados e as muralhas da cidade misteriosa, em que mudavam lentamente sombras e reflexos deslumbrantes, mas nem uma alma apareceu. Eu tinha um aparelho fotográfico e pensei bem levar algumas fotografias da cidade. O navio permanecia imóvel. Decidi matar o tempo deixando cair uma linha de pesca no mar, com a ilusão de procurar peixe, enquanto refletia sobre tudo e nada. Preferia-me isolar, para não comparar o nervosismo e alimentá-lo com o da tripulação. Sentíamo-nos suspensos no tempo e no espaço, tínhamos a sensação de que a vida de todos os outros homens no mundo continuasse sem incômodos, enquanto nós permanecíamos paralisados naquele braço de mar.

O silêncio parecia anunciar uma terrível emboscada. A calma superficial não diminuía a tensão. Nosso próprio navio parecia transformado em um barco fantasma. Nada interveio para quebrar o silêncio: nem uma trombeta, nem o chilrear de um pássaro. Estávamos envolvidos numa calma silenciosa e leitosa.

Um jovem marinheiro, incapaz de permanecer inativo, quis mergulhar na água. Tentei segurá-lo. O mar parecia calmo, mas a razão repetia: Não. Se a miragem tivesse dissolvido e se o vento subisse de repente, como é habitual nestas partes, a recuperação do jovem teria sido difícil. Outros marinheiros tentaram parar seu companheiro... Mas foi em vão.

O rapaz mergulhou em uma espécie de névoa evanescente, como se uma nuvem de vapor o tivesse envolvido, e desapareceu de vista.

Voltou, depois de várias horas, cansado e com tonturas. Aparecia estranhamente velho. Seus olhos arregalados viram eventos muito fortes. Desde então, andava dizendo coisas estranhas: já não estava com a cabeça no lugar.

O sol já não era visível, escondido pela névoa, e o brilho ia diminuindo. As sombras espessavam-se entre a neblina subindo e a paisagem ao redor esmaecia, como se a cidade queria ir se aposentar longe de nós... Antes que nunca tínhamos sido capazes de atingi-la ou tocá-la.

Estava se aproximando o pôr do sol, quando uma densa rajada escondeu tudo. Uma rajada de vento intenso, carregado com picadas de areia, que durou cerca de meia hora. A areia rodou no cabelo, no cordame e no revestimento dos botes salva-vidas, enquanto a escuridão caiu rapidamente, como breu, no ar espesso. Voltei às pressas no convés, com todas as minhas coisas.

Durante a noite, finalmente, o tempo clareou. Um trecho de olho, sob a luz da lua voltada de prata, nenhuma terra atingia o olhar. A água estava calma e escura, a corrente estava arrastando-nos. Somente vagas e enxames de gaivotas, em busca de alimento. As caudas de uma família de golfinhos (ou talvez sirenes?) pareciam voar para fora da água, como se para dizer adeus. Os instrumentos de bordo foram devolvidos na função.

Na manhã seguinte, o navio desembarcou em um pequeno porto na costa da Tunísia. Nós desembarcamos e logo nossa aventura passou a fazer parte das lendas locais. Buscou-se identificar o local onde o nosso barco estava preso durante aquele longo dia. Mas

ninguém foi capaz de identificar a localização precisa do misterioso evento, dada a longa paralisia sofrida pelos instrumentos.

Então descobri com espanto que nessa área do mar há um banco de areia, chamado pelos pescadores do Canal "banco Medina", ou seja com um termo que em árabe significa "cidade". Ninguém sabia por que isso acontece. Talvez - diziam os velhos da terra - alguns barcos de pesca tinham quebrado redes, no passado, apenas nessa posição, e haviam pescado fora uns objetos: fragmentos de mármore e metal. Daí o nome "cidade" tinha sido dado, mais de um século antes, a esse lugar misterioso de pouca água. Apesar de todos meus esforços, eu não consegui rastrear nenhum dos objetos pescados fora do mar. Também não havia memória de visões, nem de cidade fantasma emergindo das ondas.

A quilha de nosso navio apareceu riscada por arranhões profundos, longos, como as garras de um ser gigante tentando segurá-la de volta.

O jovem que tinha mergulhado, e que voltou com os olhos para sempre esvaziados na distância, repetia frases incompletas. Ele foi vítima de pesadelos, parecia que iria continuar a assistir a um enorme cataclismo, com homens, mulheres e crianças que, sob seus olhos, sucumbiram vítimas de um massacre que ultrapassava qualquer compreensão humana. Depois de um curto período de tempo, seu cabelo ficou todo branco.

Eu não poderia explicar se toda a tripulação tinha sido vítima de uma alucinação, ou se a noite de lua vermelha tinha realmente criado condições favoráveis para uma "ponte" entre dois mundos,

fazendo ressurgir das profundezas do mar uma cidade que - quem sabe quantos milhares de anos atrás - poderia ter permanecido submersa naquele lugar. Ali ou em outro lugar, quem saberia dizê-lo? A memória coletiva dos marinheiros, que ao longo dos séculos têm viajado pelos mares, pode dar substância aos fantasmas, pesadelos, medos, mas também aos sonhos mais maravilhosos que têm assombrado a vida do homem.

No princípio da tarde, fiquei apanhado por um sono profundo. Eu não dormia desde mais de quarenta horas e acordei só no dia seguinte, de manhã bem encaminhada. Eu estava suando e eu estava animado, eu ainda estava de cabeça muito pesada e um sonho estranho, ou melhor, um pesadelo cumprido e torcido, rodeava na minha memória.

Aparecia-me, por um momento mais, a visão da cidade misteriosa. Já não era uma cidade fantasma, tinha-se tornado cheia de vida. Comerciantes, mulheres e crianças foram em movimento turbulento nas ruas. A animação agitada parecia querer vingar-se do resto da imobilidade, que a cidade tinha experimentado no dia anterior. Eu estava movendo-me em meu sonho pelas ruas, totalmente à vontade, como se esse ambiente me fosse familiar, um pouco como o meu berço natural. Em seguida, a visão ficava turva e tudo estava tremendo, sob o choque repentino de um terremoto. Vários choques, longos e terríveis, que pareciam quebrar em pedaços todo o globo. Uma pausa, um longo silêncio não natural, como a imagem "congelada" de uma película... E então ouviu-se um rugido ameaçador, para baixo da montanha. O vale verde com as

culturas e a vegetação, atravessado pelo rio que deu vida à cidade e suas terras, foi se transformando em uma imensa cascata de terra e lama. Em uma longa hora de pânico, a cidade inteira sabia que não havia salvação. Nem na direção da terra, que desaparecera sob uma vaga de lama suja, nem para o mar, ferido pelas ondas longas de um maremoto que haviam criado o caos na frota. A catástrofe era inevitável. Em meu pesadelo eu revivi todo o drama, como se uma memória ancestral fosse emergindo das brumas do tempo, depois de milhares de gerações.

Era como se um turbilhão rodeasse em torno de mim e tentasse-me arrastar, mesmo quando me levantei e tentei voltar para a vida cotidiana: senti-me esmagado por um turbilhão de água, vento, espuma barrenta. Depois da calma não natural, a inatividade forçada do dia anterior, agora um paroxismo de movimento e de torção havia tomado posse da minha mente. Como um furacão, ou melhor, uma banheira de hidromassagem que me abraçasse, para me arrastar no fundo preto. Sentia-me instável e percebia uma vocação ancestral, uma presença viva que estava empurrando-me para fechar meus olhos, para redescobrir as sensações, imagens, sons e vozes do sonho. Apesar de essas experiências serem angustiosas, animava-me a necessidade de revivê-las; mas eu não conseguia lembrar a seqüência dos fatos. Mantinha apenas o vago sentimento de presenças, de fantasmas em torno de mim, que me sugeriam memórias, sensações, avisos. Da escuridão subiam repetidos, angustiados, os soluços de uma criança.

Em minhas fotografias de um longo dia de calma, quando as revelei, não apareceu nada, a não ser uma extensão vazia, uma planície de mar. Nenhum vestígio do porto, da ilha, da baía misteriosa, nem dos telhados da cidade misteriosa.

Muitos anos se passaram. Outras vezes tenho visto fenômenos estranhos no céu ou no horizonte. Aconteceu-me de ver outras noites de “lua vermelha”. A experiência dessa viagem, no entanto, manteve-se única. Nunca mais me senti envolvido, como protagonista, em acontecimentos tão inexplicáveis.

Cada vez que eu pensei de volta para a imagem de aquela cidade, eu revivi a sensação de total desamparo daquele dia. Era como se sob os telhados, por trás das fachadas das casas desertas, legiões de fantasmas estivessem nos espionando, como se aí fosse escondida a grande revelação, o que poderia ter mudado a minha vida inteira - ou, talvez, o destino do mundo todo. Uma oportunidade perdida... Ou talvez adiada? Quando eu penso sobre isso, “sinto” que terá que acontecer comigo de novo. Percebo a experiência daquele dia, no Canal da Sicília, como uma premonição escura.

Ainda tenho dois ardis, com os quais eu pesquei, para tentar passar o tempo, naquele dia de calma. De acordo com os mapas, tínhamos de encontrar uma profundidade de cerca de duas centenas de metros, mas eu via lá, frente de mim, a boca do porto misterioso. Naquele dia, o primeiro ardil permaneceu preso. Eu consegui recuperá-lo com grandes esforços: estava deformado. Pensei que ele tinha enganchado alguns destroços submersos. O segundo ardil reemergiu com uma surpresa. Se você alguma vez vir a minha casa,

vou mostrar-lhe o brinquedo de uma criança da Atlântida: uma estatueta dourada, de bronze, descrevendo um carro de combate ou de caça, com rodas capazes de mexer e uma cadeia para arrastá-lo. O cocheiro levanta um chicote. Uma inscrição misteriosa correndo ao longo de todos os lados do vagão. Ninguém jamais foi capaz de decifrá-la, mas cada vez que eu toco no carro, parece-me que me conte uma história triste e remota. Uma história tão angustiante, que as meras palavras não seriam capazes de contá-la.

Naquele pequeno objeto ficou presa a projeção da tragédia de um povo desprovido de herdeiros, todo um povo enterrado no abismo, sob uma espessa camada de água e lama. Ninguém irá se lembrar deles, porque as suas memórias se foram, perdidas para sempre, quando foram afogados por uma onda de proporções bíblicas. Era a época em que Moisés atravessou o mar com o seu povo. Na mesma altura, sobre o golfo do pequeno Sirte, uma centena de quilômetros de distância na direção ao pôr do sol, uma série de terremotos fez rachar algumas barragens rochosas que continham as águas. Um enorme reservatório ficou esvaziado em cima de uma nação de infelizes e arrastou para o abismo uma civilização antiga, que tinha sobrevivido ao deserto, tinha sido capaz de prevalecer sobre os povos vizinhos e de impor a sua supremacia sobre os mares.

Os herdeiros dos que haviam erguido túmulos e sepulcros no coração da África se estabeleceram em uma planície fértil, cercada pelos mares mais bonitos do mundo. Tinham erguido grandes monumentos de pedra, folheados ou chapeados de metais preciosos; tinham construído navios de grande porte e criado um

império, estendido para além dos mares. Sua cidade capital, em uma ilha, dominava a entrada da baía mais bonita do mundo. Mais uma vez, no entanto, a natureza encarniçou-se contra eles. Desta vez, foram mesmo os mares, aqueles mares que haviam ajudado a criar a sua sorte: um deles os varreu para longe, o outro enterrou-os para sempre. As águas ficaram fechadas, em cima da cova profunda em que fora enterrada aquela criança, que brincava com um carrinho de bronze, e com ela todo o seu povo. Eles já não tiveram herdeiros, nem houve Homero nenhum, para cantar as suas memórias.

O mar dá a vida, o mar a leva; o mar cria e destrói, sempre. O mar, em certas circunstâncias, também é capaz do milagre da criação de uma ponte através do tempo, para nos trazer pedaços de conhecimento do passado.